

A NÃO ACEITAÇÃO DOS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO

Maykon Borges Fonseca¹
Denílson Diniz Pereira²
Orientadora do Trabalho Cíntia Hofmann³

RESUMO

A pesquisa contempla a não aceitação dos travestis e transexuais assim como o diálogo de suas dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho devido a sua identidade de gênero diferente da maneira como a sociedade enxerga e impõe. A não aceitação dos transgêneros no mercado de trabalho conduzem-no a procurem outras formas de inserção, direcionando-os na maioria das vezes ao mercado de trabalho informal. A partir da temática gostaríamos de enfatizar que estamos cientes do terreno escorregadio que cerca a identidade de gênero, todavia, os espaços criados tornam-se locais de encontro da diversidade de cor, condição financeira, social e orientação sexual. Para discussão traçada neste trabalho adotou-se a pesquisa bibliográfica, pois a mesma “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Na segunda etapa, realizou-se uma comparação entre o referencial teórico construído e a realidade do objeto de estudo proposto utilizou-se a pesquisa de campo, que “visa suprir dúvidas ou obter informações e conhecimentos a respeito de problemas para os quais se procura respostas ou a busca de confirmações para hipóteses levantadas”. E por último a análise dos dados coletados. Sendo assim, a pesquisa expõe saberes, abarcar olhares e percepções que levem às discussões sobre as temáticas Gênero e Sexualidades destacando o potencial desestabilizador dessas categorias em sua relação com ao Mercado de Trabalho e Educação.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Preconceito. Travestis e Transexuais.

INTRODUÇÃO

Antes de dar início a esta pesquisa, gostaríamos de enfatizar que estamos cientes do terreno escorregadio que cerca a identidade de gênero, parece-nos absurdo abolir qualquer referência relacionado o que se deseja enquanto identidade, sobretudo porque o debate entre aqueles que adotam uma visão construtivista e aqueles que optam por uma análise biológica/essencialista ainda persiste em plena pós-modernidade.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade José Rosário Vellano-Unifenas/MG, mayfonseca27@gmail.com;

² Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC/MG e Professor da Universidade Federal do Amazonas-UFAM denilsondinizp@gmail.com;

³ Professora orientadora Mestranda em Administração pela Faculdade Novos Horizontes e Professora Centro Universitário UNA/MG, cintia.hoffmann@una.br;

Tendo em vista que vivemos em uma sociedade que, em grande parte, ainda tem a heterossexualidade como único modo legítimo de vivenciar a sexualidade, encontramos aí o cerne da rejeição à homossexualidade, pois é vista como desviante e, portanto, inaceitável, pois "conhecer sobre homossexualidade é conhecer sobre o comportamento heterossexual, pois ambas as formas se encontram ao tentarem se distinguir" (SELL, 2006, p. 244).

A temática é relevante por se tratar de um tema atual e presente nas relações sociais destacando a não aceitação dos travestis e transexuais no mercado de trabalho de Belo Horizonte-MG, todavia, os espaços criados tornam-se locais de encontro da diversidade de cor, condição financeira, social e orientação sexual.

Diante da expansão desses espaços e o grande crescimento que está ocorrendo no mercado de trabalho, tem-se a seguinte problemática se o mercado de trabalho está realmente aceitando todo tipo de gêneros, entre eles os travestis e os transexuais?

Ramos (2003) comenta que a igualdade do mercado de trabalho atual, na sua grande maioria não existe, visto que não somente as mulheres que buscam os seus direitos no mercado de trabalho, mas também os travestis e os transexuais.

Segundo Piovesan (2006) todo cidadão tem o direito igual de trabalho seja ele homem, mulher, gay, travestis ou transexuais, pelo fato que a lei tem a definição dos direitos humanos visualizando a pluralidade de sua existência e seus significados, por mais que não sejam aplicados tais direitos, em particular aos travestis e transexuais, dificultando o acesso ao mercado de trabalho.

Alves (2013) reforça tais direitos:

Desde a década de 1980, a luta pelos direitos humanos de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) tem se fortalecido no Brasil e no mundo. A implementação de ações com vistas à promoção da equidade de gênero, ao respeito à identidade de gênero e orientação sexual e ao enfrentamento de práticas sexistas e homofóbicas encontra respaldo nas propostas de ações governamentais brasileiras presentes nos seguintes documentos: 1. Programa Brasil sem Homofobia (2004) 2. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2005); 3. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2007); e 4. Programa Nacional de Direitos Humanos (2009). Todas estas políticas resultam do processo de transformação da sociedade marcado inicialmente pela promulgação da Constituição Federal de 1988 e efetivado a partir da permanente luta política dos movimentos sociais, especialmente o movimento feminista e o movimento LGBT (ALVES 2013, p. 1).

O mercado de trabalho ou a cultura organizacional é um campo de extrema importância para a sociedade por possuir variações de empregabilidade e ainda encontra na

maioria das vezes fechado para as pessoas como os travestis e transexuais, não havendo uma aceitação dessas pessoas no mercado de trabalho (DE VASCONCELLOS, 2014), fazendo com elas procurem um trabalho informal (CARRIJO, 2010).

Sendo alvo de vários estudos e um grande desafio para as pessoas no que concernem seus direitos e benefícios iguais para entrar no mercado de trabalho como qualquer outra pessoa (CARVALHO, 2006).

Dessa forma o artigo em questão irá abordar de forma específicas sobre a não aceitação dos travestis e transexuais no mercado de trabalho, também suas dificuldades de conseguir emprego formal devido a sua condição sexual e salientar seus paradigmas vividos por causa do preconceito, uma visão geral sobre de o mercado de trabalho.

METODOLOGIA

Para discussão traçada neste trabalho adotou-se a pesquisa bibliográfica realizada no SciELO e no Google Acadêmico, publicados no período de 1993 a 2014, que segundo Lakatos; Marconi (1995, p 43) afirma que “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Na segunda etapa, realizou-se uma comparação entre o referencial teórico construído e a realidade do objeto de estudo proposto utilizou-se a pesquisa de campo, que para Bastos & Keller (1992 p. 55) “visa suprir dúvidas ou obter informações e conhecimentos a respeito de problemas para os quais se procura respostas ou a busca de confirmações para hipóteses levantadas”. E por último a análise dos dados coletados.

Portanto o artigo terá como foco geral a não aceitação dos travestis e transexuais no mercado de trabalho, assim como suas dificuldades de conseguir emprego formal devido a sua condição sexual.

Mercado de Trabalho

Para Dedecca (2005), o mercado de trabalho está associado ao indivíduo que procura trabalho nessa sua expansão e a outra parte que oferece o emprego, para trabalhar em um só sistema gerando oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

Amadeo (1999) relata com esse grande apoio que passou a ter entre os indivíduos, o mercado de trabalho passou a ter novas transformações, fazendo com que houvesse novas

demandas na sociedade gerando empregos para a maior parte da sociedade entre eles homens e mulheres.

Loudares (2010) corrobora que ocorrendo essa colaboração entre os indivíduos, o homem passou a atender as características do mercado de trabalho, que tem como visão um sistema capitalista, que gira em torno da produção com fins lucrativos, esse sistema ajudaria o país a sair da baixa taxa de desemprego.

No entanto a consolidação do homem no mercado de trabalho foi de grande marco na sociedade, o homem passou a fazer parte da evolução do país, assegurando ganhos na economia, pela sua eficácia, (MEDEIROS 1994).

Portanto mesmo com essa evolução do mercado de trabalho, ainda encontramos em todos os lugares o preconceito e a discriminação, principalmente em algumas organizações quando se refere sobre a não aceitação dos travestis e transexuais como um trabalhador formal (RODRIGUES, 2012).

A não aceitação dos travestis e transexuais no Mercado de Trabalho

Segundo De Vasconcellos (2014) faz pertinente ressaltar a diferença entre travestis e transexuais. Travestis são pessoas que não querem fazer a cirurgia de mudança de sexo elas querem manter o seu órgão sexual com o qual nasceram. Já os transexuais sentem a necessidade da mudança de sexo porque não se identificam com o corpo que possuem sentindo uma identidade oposta ao sexo designado a ela ao nascer.

Eventualmente o mercado de trabalho em sua característica foi e ainda é fortemente comandado pela masculinidade, (ECCEL, 2010) e as pessoas que se encontram fora desse universo de normalidades, geralmente encontram dificuldades, para se inserir. No entanto pode-se considerar em relação aos travestis e transexuais que algumas pessoas não visualizam a capacidade profissional que o outro tem, mas sim sua condição sexual.

O preconceito inicia na escola segundo Rodrigues (2012), onde temos os primeiros contatos sociais. Se neste contexto escolar há uma rejeição do diferente, ocasiona a maioria dos travestis e transexuais se sentem desestimulados a lutar pelos seus direitos. Sob o mesmo prisma, Vasconcellos (2014) afirma que os travestis e transexuais em virtude de a uma não aceitação no mercado de trabalho, passem a atuar no mercado informal, como na prostituição gerando um ambiente de preconceito.

Oliveira (1997) traz uma realidade que mostra a repressão que os travestis e transexuais sofrem no mercado de trabalho, essa repressão faz com que eles busquem um

meio de viver muitas vezes ilegal, se unindo a cafetões, gangues, entre outros, para poderem sobreviver ou até mesmo mostrarem para a sociedade que eles são pessoas normais, mas que foram excluídas da sociedade por causa do preconceito.

A maioria dos travestis e transexuais antes de fazer essa migração tanto profissional e de cidade segundo Carvalho (2006), possui um desejo e sonho igual a qualquer outra pessoa em se formar profissionalmente como, médico, professor, enfermeiro entre outros, Mas devido a essa não aceitação da sua condição sexual, eles acabam desistindo do seu sonho ou desejo, e assim procura outro tipo de trabalho e uma realidade de vida totalmente diferente ao que foi idealizada por eles e acabam caindo na prostituição ou em outras profissões marginalizadas.

Devido a essa exclusão social, quando conseguem trabalho formal se encontram em serviços gerais como, na área de limpeza, garçons ou dentro de um salão de beleza. O que ainda não os deixa tranquilos, porque mesmo dentro desse mercado simples, mas não menos valorizado, eles ainda encontram grande dificuldade de aceitação das outras partes, mas apesar de encontrar esse mercado fechado algumas vezes muitos deles preferem lutar por esse pequeno espaço ao invés de se prostituir, por exemplo, (CARVALHO, 2006).

Gomes Filho (2012) salienta sobre os paradigmas que já foram quebrados por travestis, transexuais e *gays* em relação ao seu direito de viver na sociedade devido a políticas públicas, ressaltando assim as conquistas dos movimentos sociais. Mesmo havendo essa dificuldade da sua não aceitação na sociedade, os mesmos conseguiram como, por exemplo, a mudança de nome em cartório. Um ponto crítico em relação a, essas pessoas é a não aceitação delas no mercado de trabalho. A realidade que se mostra no cotidiano é diferente daquela retrata em lei, que muitas vezes se mostra fria e distante. Essas pessoas ainda não são vistas como um profissional igual a qualquer outro. Portanto o que os travestis e transexuais buscam na sociedade atual é a compreensão de que eles são capazes de trabalhar como qualquer outro cidadão.

Desse modo, conforme Carvalho (2006) é eventual que haja esperança e que não se deixe de acreditar no outro, para que todos tenham o verdadeiro direito de ir e de vir, e ser um trabalhador igual na sociedade seja ele homem, mulher, travestis, transexuais e *gays*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados na presente pesquisa mostram que ainda os travestis e transexuais apresentam grandes dificuldades de inserção no mercado de trabalho, devido aos

préconceitos social e político, fazendo com que os mesmos continuem realizando o chamado trabalho informal para sobreviverem nessa sociedade desigual.

Ainda que esse estudo apresenta uma pequena porcentagem de travestis e transexuais que estão dentro do mercado de trabalho os cidadãos apresentam também dificuldade profissional como mudar de cargo, por ter uma orientação sexual diferente que esse meio pede, além de tudo sofrem uma pressão psicológico por serem julgados como incapazes de realizar outras tarefas a qual foi selecionadas para trabalhar.

É possível afirmar através desse estudo que os travestis e transexuais buscam a igualdade de trabalho nessa sociedade cheio de pré conceito, mas muito deles devido a essa pressão psicológica que a sociedade coloca pela a não aceitação dos travestis e transexuais no mercado de trabalho, preferem estar realizando o trabalho informal onde eles podem ser que são e podem ganhar seu dinheiro para sobreviver.

Com base em tudo que foi discutido, percebe-se a importância de se olhar para o outro sem julgar sua forma de vida ou condição sexual, por que só assim haverá uma sociedade de respeito e digna para se viver seja a pessoa de qualquer gênero sexual, que devemos mudar essa visão sobre a não aceitação de travestis e transexuais no mercado de trabalho, porque o mesmo lutou e lutará pelo seu direito de viver e trabalhar nesse novo mercado de trabalho que está se erguendo.

Levando-se em conta o que foi observado a condição de gênero dessa população esbarra em dificuldades no mercado de trabalho, condição que afeta a vida profissional, mas também afeta sobretudo o estado psicológico, pelo fato de viverem diariamente com o preconceito da sociedade, numa condição marginalizada, como se fossem um ser humano diferente.

Dessa forma, muitos procuram ocupações informais. Porém, as achados da pesquisa apontam que os travestis e os transexuais não querem apenas trabalhar em pequenos serviços como, cabeleireiro ou manicures, mas querem serem trabalhadores comuns, com empregos comuns e que sejam respeitados como qualquer outra pessoa.

A importância dessa pesquisa vai ao encontro de um clamor social, em que aponta para aspectos discriminatórios para os travestis e transexuais. Eles passam a maior parte de sua vida lutando contra o preconceito e sua não aceitação no mercado de trabalho, por isso a reflexão sobre este tema possui grande relevância ao apontar não só para a discriminação do mercado de trabalho, mas também para a discriminação da sociedade. Buscar um olhar sem filtros para essas pessoas é buscar uma sociedade igualitária, em que as pessoas têm liberdade de ir e de vir como qualquer outro cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa enfocou na não aceitação dos travestis e transexuais no mercado de trabalho, apontando as dificuldades que essas pessoas encontram para se inserirem em uma organização de trabalho.

Eles, como qualquer outro cidadão, buscam o direito de trabalhar de forma igualitária na sociedade, como os mesmos direitos e deveres.

Dessa forma, os resultados da pesquisa apontaram as dificuldades dessas pessoas para inserção no mercado de trabalho devido ao nível de preconceito que algumas instituições apresentam quando se refere aos travestis e transexuais e segundo Carvalho (2006), devemos ser otimista acreditar na possibilidade que cada sujeito tem de lutar contra esta condição social e humana, sem desconsiderar a determinação social. No que concerne os estudos desse porte que fala sobre o mercado de trabalho e suas características tem sido de relevância indiscutível e mostrado ao longo dos anos as realidades vividas por todos os tipos de gêneros.

Por isso tudo a pesquisa visa salientar os paradigmas que travestis e os transexuais vivem nesse mercado de trabalho devido ao preconceito, tentando assim quebrar as barreiras para ser vistos como uma pessoa normal, e não apenas pela sua condição sexual.

Neste sentido, sugere-se para pesquisa futuras que se explorem mais a temática em diferentes contextos, visando apontar o preconceito existente bem como identificar e revelar casos de sucesso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Travestis e transexuais na escola: ressonâncias do uso do nome social na rede municipal de educação de Belo Horizonte. **seminário internacional fazendo gênero**, v. 10, 2013. Disponível em <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32851947/Travestis.Educacao.BH.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1478311845&Signature=%2BJ3MJA4rHzEILH9LBjvB7KtMLQ0%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DTRAVESTIS_E_TRANSEXUAIS_NA_ESCOLA_RESSON.pdf>. Acesso em: 7 de nov.2016.

AMADEO, Edward. Mercado de trabalho brasileiro: rumos, desafios e o papel do Ministério do Trabalho. **Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil: políticas para conciliar os desafios de emprego e competitividade**. Brasília: oit, p. 35-60, 1999. Disponível em <http://blog.narotama.ac.id/wpcontent/uploads/2014/11/Transforma%C3%A7%C3%B5es-do-emprego-no-Brasil-na-d%C3%A9cada-de-90.pdf#page=35>>. Acesso em: 15 de nov. 2016.

BORIN, Fabio Augusto; PARO Flavio; HORTOLAN, Romualdo; FAGUNDES, Tatiane Barbosa; BRASIL, Ângela de Souza; LEMES, Antonio Donizete. **Empregabilidade como a nova realidade do mercado de trabalho**. Disponível em <<http://aems.edu.br/iniciacao-cientifica/download/5c56c422cd.pdf>> Acesso em: 23 de nov. 2016.

CARRIJO, Gilson Goulart. Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira. Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: **Pagu/Unicamp**, v. 1, p. 263-320, 2011. Disponível em <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30424318/TOTAL.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1478309365&Signature=hyx7wAt4MkImVXwdlUkSSV3qAfs%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DPiscitelliAdriana_Assis_Glauceira_Oliveira.pdf#page=263>. Acesso em 5 de nov. 2016.

CARVALHO, Evelyn Raquel. **Eu quero viver de dia: Uma análise da inserção das transgêneros no mercado de trabalho**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, v. 7, n., ano 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Evelyn_Carvalho_16.pdf>. Acesso em: 6 de nov. 2016.

DE VASCONCELLOS, Luciana Teixeira. **Travestis e Transexuais no Mercado de Trabalho** v.1 n.1, ano 2014. Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?start=30&q=aceita%C3%A7%C3%A3o+dos+travestis+e+transexuais+no+mercado+de+trabalho&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 2 nov. 2016.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. **Notas sobre a evolução do mercado de trabalho no Brasil**. Revista de Economia Política, v. 25, n. 1, p. 97, 2005. Disponível em <<http://www.rep.org.br/pdf/97-6.pdf>> Acesso em: 8 nov. 2016

ECCEL, Claudia Sirangelo. Estudos de gênero nas organizações: implicações teórico-metodológicas. **Encontro nacional da associação de pós-graduação em administração**, v. 34, n. p. 1-15, 2010. Disponível em <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=Estudos+de+G%C3%AAnero+nas+Organiza%C3%A7%C3%B5es%3A+Implica%C3%A7%C3%B5es+Te%C3%B3rico-Metodol%C3%B3gicas&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

HOFFMANN, Cintia Dietrich; ZILLE, Luciano Pereira. Manifestações biopsicossociais em aposentados: compreensão a partir do estudo de múltiplos casos. In: Encontro da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2016, Costa do Sauípe. **Anais...**Costa do Sauípe: ENANPAD, 2016.

LAUDARES, João Bosco. Capitalismo, mercado de trabalho e distribuição de riqueza. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 6, n. 11, 2010. Disponível em <<file:///C:/Users/TEMP.CAIXA-PC.000/Downloads/2563-7310-1-PB.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinbergde Albuquerque. **“Inclusão” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais** com Karen Schwach e outras fontes. *Oralidades*, v. 6, n. 11, p. 89-116, 2012. Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?start=20&q=qualidade+de+vida+dos+travestis+e+transexuais&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 5 nov. 2016.

MEDEIROS, Carlos A.; SALM, Cláudio. **O mercado de trabalho em debate**. 1993. Disponível em <http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/73/20080626_o_mercado_de_trabalho_em_debate.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2016

OLIVEIRA, Marcelo José. **O lugar do travesti em Desterro**. 1997. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Disponível em <<http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d24-moliveira.pdf>>. Acesso em 2 de nov. 2016.

PIOVESAN, Flávia. Direitos humanos: desafios da ordem internacional contemporânea. **Direitos humanos**, v. 1, n., p. 15-37, 2006. Disponível em

<https://www.researchgate.net/profile/Vanda_Felli/publication/273614108_UMA_REFLEXAO_SOBRE_A_SAUDE_DO_TRABALHADOR_DE_ENFERMAGEM_E_OS_AVANCOS_DA_LEGISLACAO_TRABALHISTA/links/55eee08b08ae0af8ee1acb77.pdf>. Acesso em 4:nov.2016.

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2003. Disponível em<<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 7de nov. 2016.

RODRIGUES, Patricia Gabrielle Oliveira. **Negra e Travesti: realidade e acesso ao mercado de trabalho**. Disponível em<<http://www.aninter.com.br/ANAIS%20%20CONITER/GT16%20Estudos%20de%20g%EAnero,%20feminismo%20e%20sexualidades/NEGRA%20E%20TRAVESTI%20REALIDADE%20E%20ACESSO%20AO%20MERCADO%20DE%20TRABALHO%20%20-%20Trabalho%20completo.pdf>>. Acesso em 2:nov. 2016.

SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida**. 2. Ed. rev. e ampl. - Florianópolis: EDUFSC, 2006.